

Seminário FESPSP “Cidades conectadas: os desafios sociais na era das redes”

17 a 20 de outubro de 2016

GT 7 – Estilo de vida, consumo e práticas culturais

**A importância das relações gays afrocentradas na valorização da identidade negra na atualidade.**

Flavio Baillot Romani

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

**Resumo:** O trabalho tem como objeto de estudo os relacionamentos afetivos entre homossexuais negros e é baseado no projeto em curso na FESPSP “*Afrodescendente e LGBT: os sentidos que as relações homoafetivas afrocentradas imprimem na valorização da identidade negra em São Paulo*”. Como afrodescendente e homossexual, tenho como objetivo compreender a constituição de estilos de vida no âmbito destas relações, marcadas por formas de sociabilidade específicas. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, realizada por meio da frequência aos locais de convívio virtual e físico entre homossexuais negros, e tem o intuito de descrever e analisar a constituição de um ou mais estilos de vida. Serão selecionados alguns lugares e personagens para entrevistas, através de minha rede de contato pessoal dentro da cidade de São Paulo, realizadas *in loco* ou conforme a disponibilidade dos sujeitos entrevistados. Os resultados parciais da pesquisa serão analisados conforme as observações feitas e depoimentos realizados.

**Palavras-chave:** Raça/Cor, Sexualidade, Estilo de Vida

Dentro de um debate histórico sobre a valorização da identidade negra, dificilmente vemos abordagens direcionadas ao público LGBT negro. Desde os primeiros debates e conquistas de direitos civis por pessoas LGBT, dificilmente foi levado em conta aspectos associados às relações entre afrodescendentes e de seu papel na luta pela valorização da cultura e identidade negra.

O termo “afrocentrado” está diretamente ligado ao conceito de pan-africanismo existente desde o final do século XIX, quando esta corrente política defendida por William E.B. Du Bois e Henry Silvester Williams, defendia a criação de

um movimento que provocasse um sentimento de solidariedade e a valorização de diversos aspectos culturais pelas populações negras que viviam na diáspora, isto é, fora da África e o apoio aos movimentos de descolonização que aconteciam por lá. Atualmente o termo “relações afrocentradas” é utilizado para designar a escolha de parceiros afrodescendentes, entre pessoas desta origem, independente de gênero ou orientação sexual.

A identidade está diretamente ligada a forma pela qual cada indivíduo se enxerga perante aos outros mediante um processo de diferenciação com os demais sujeitos que compõem o ambiente. Neste contexto, deve ser considerada a interseccionalidade entre a identidade negra e a diversidade sexual para um melhor entendimento da realidade humana. Segundo o sociólogo Clóvis Moura<sup>1</sup>, a definição de um grupo específico acontece quando um grupo étnico obtém a consciência de suas diferenças no seio da sociedade e desenvolve mecanismos de resistência capazes de preservar essas dessemelhanças. Para ele,

Os grupos negros nas relações intergrupais e com a sociedade no seu conjunto sabem que, por possuírem uma marca diferenciadora, são, no processo de interação, considerados como portadores de valores próprios e inferiorizados. Esse julgamento da sociedade inclusiva leva a que todas as atitudes, gestos ou atos de um membro desses grupos específicos sejam considerados como sendo o comportamento de todos os elementos que os compõem. Desta forma, criam-se estereótipos e racionalizações que justificam medidas de bargem dos grupos ou classes que estão nos estrados superiores ou deliberantes da sociedade.

O negro somente se sente específico porque é diferenciado inicialmente pelas classes e grupos sociais brancos, fato que o leva a procurar organizar e elaborar uma subideologia capaz de manter a consciência e a coerção grupal em vários níveis.

O movimento LGBT originou-se no século XX, na luta contra a criminalização dos atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo e do travestismo. Com o passar dos anos, diversas conquistas relacionadas aos direitos civis de casais homossexuais foram incorporadas em diversos países, tendo como bandeiras a defesa dos direitos e o respeito à diversidade sexual.

---

<sup>1</sup> Clóvis Moura, Sociologia do negro brasileiro (São Paulo, Ática, 1988), p. 117 e 120

Podemos classificar tanto o movimento negro quanto o LGBT como forças sociais de ação afirmativa que visam à preservação de sua coletividade, respeito mútuo e a busca de conquistas de direitos civis. Infelizmente, há poucos estudos que tratam da articulação entre identidade negra e homossexual. Entre eles, se destaca a tese de doutorado de Isadora Lins França: **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**. Neste trabalho, a autora apresenta uma etnografia realizada num “samba GLS”, o *Boteco do Caê*, localizado no centro da capital paulista e em outras boates voltadas para o público homossexual/branco e tem como um dos objetivos analisar como os marcadores de diferença – gênero, sexualidade, classe, idade e cor/aça se articulam nestes locais. Usarei em minha pesquisa de campo este mesmo samba como espaço de convivência, além de outros que apareceram depois da realização desta pesquisa, assim como alguns ambientes virtuais.

Nas relações homoafetivas entre pessoas negras, as barreiras são multiplicadas; além do estigma social sofrido pelo homossexual em função de sua orientação sexual numa sociedade heteronormativa, existe ainda o preconceito e racismo que enfrentam por serem afrodescendentes. Este projeto visa desenvolver uma descrição e análise de como os LGBT negros, constroem sua cultura e identidade negra e homossexual numa sociedade que valoriza o padrão de relação afetiva heterossexual/branca. É nosso intuito analisar o papel que relações afrocentradas desempenham nesse processo.

A partir da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, a Xenofobia e intolerâncias correlatas acontecida em 2001 na África do Sul, temas como discriminação e intolerância à diversidade sexual foram amplamente discutidos, levando a criação de grupos ou núcleos dentro de grupos já existentes para tratar de temas relacionados aos negros LGBT (JUNIOR, 2011, p.183-194)

Segundo Joílson Junior, “a vivência da homossexualidade negra é diferenciada, pois se vê recortada dentro de uma identidade negra”. O corpo negro sempre foi subjugado na sociedade brasileira, onde muitos estereótipos vinculados à virilidade do homem afrodescendente resistem até hoje, só que como algo “positivo”. De acordo com o imaginário social, esse é o homem negro, todo o seu corpo e movimentos simbolizam o ato sexual e esta é sua única “qualidade” (ROSA,2006;

SOUZA, 2009). Imaginar um negro homossexual vai contra o senso comum relacionado a esta masculinidade. Não é à toa que é muito comum a expressão “*além de preto é viado!*” como forma preconceituosa de gozação.

O movimento gay se apropriou de muitos destes estereótipos, por ter sido “organizado em torno de uma identidade de referência de homens brancos de classe média.” (GOSIBLNE, 2008). Mesmo dentro do circuito homossexual, o negro é visto como um indivíduo de extrema virilidade, “*negro tem pegada!*” ou “*negro tem pau grande!*” são frases do cotidiano social, não levando em conta as preferências sexuais e físicas de cada indivíduo e resumindo-o apenas a questão sexual. Basta uma pesquisa simples num site de buscas da internet para verificarmos isto. Ao digitar “branco gay” o resultado será em sua grande maioria artigos sobre homossexualidade e comportamento, mas ao digitar “negro gay”, a grande maioria dos resultados será de conotação sexual, incluindo vídeos pornográficos, onde a figura negra majoritariamente é tida como a de perfil ativo da relação geralmente com um homem branco.

Segundo os estudos de Isadora Lins França (2006), a partir de meados da década de 1990, o mercado voltado ao público homossexual se tornou mais estruturado. Ultrapassou a barreira das diversões noturnas, atingindo outros ambientes culturais, como agências de turismo voltadas especificamente para este público, livrarias, canais de TV a cabo, lojas de roupas, inúmeros sites que demarcaram uma mídia segmentada, entre outras iniciativas.

Neste contexto, padrões sociais também passaram a sinalizar as relações de poder demarcando espaços de maior ou menor prestígio social, criando ambientes específicos para cada perfil de público branco e não branco. Os negros, os brancos de classe baixa, os “mais gordos”, os “mais velhos”, os “efeminados”, as “masculinizadas”, e/ou travestis, criaram espaços próprios de convívio e integração social fora do padrão esteticamente pré-estabelecido do gay branco/musculoso/classe média.

Isadora (2006) cita em seu trabalho o surgimento dos *cybermanos* nas boates voltadas a música eletrônica em São Paulo. Este termo bastante pejorativo foi criado para definir os jovens da periferia, na sua maioria negros, que se interessavam por este estilo musical e os mecanismos de diferenciação e segregação utilizados na

época, classificando as pessoas através de sua cor/raça, e nível sócio-econômico-cultural. Ela destaca trecho do livro de Erika Palomino, jornalista que assinava uma coluna no jornal Folha de S.Paulo, sobre a cena eletrônica da noite paulistana, falando sobre “o estranhamento causado pela entrada dos “cybermanos” na cena eletrônica e os mecanismos de diferenciação e segregação acionados nesse contexto, operando classificações em termos de classe, cor, capital econômico e cultural.”

No começo, as pessoas não sabem sequer como se referir a eles (clubbers da periferia, clubbers-flanelinha ou o igualmente pejorativo “trufa”, gíria da noite para negro ou mulato) [...] o Lov.e in Paradise (boate badalada na época), seleciona a entrada do povo, cobrando ingresso de 20 reais – caro para os manos (...) **Ao que parece, ninguém quer se misturar** (Palomino, 1999: 245-246, grifo de Isadora).

Com o passar do tempo, estes jovens foram incorporados na cena eletrônica através de grandes festivais de música e a criação de boates na periferia da cidade, mas a segregação continuava acontecendo em ambientes definidos como mais “modernos” e “descolados”, num processo de diferenciação social baseados em cor/raça, classe e estilo de vida.

### ***Os espaços de convívio e identidade do homossexual negro***

Dentro da conjuntura de segmentação apresentada, principalmente em se tratando de bares e boates, onde os espaços de socialização que já atendia a um público homossexual segmentado pelo gosto musical, estética, aparência e apresentação corporal, surgiu no centro da capital paulista o *Boteco do Caê*. Neste bar acontece um samba todos os domingos voltado para o público negro homossexual conforme o próprio organizador o define. Trata-se de um espaço que se contrapõe aos lugares de padrão gay branco/musculoso/classe média, proporcionando ao “negro homossexual” melhores expectativas no mercado afetivo/sexual. O público é composto quase na totalidade por homens gays entre 20 e 30 anos de idade, majoritariamente de pele escura em diferentes tonalidades. Visualmente, os frequentadores pouco se diferem de um ambiente de convívio heterossexual negro, com jovens usando em grande maioria cabelos raspados ou trançados e calça jeans, camisetas e tênis da moda.

Segundo Caê, a ideia de criar um ambiente assim surgiu há 13 anos. “Branco de alma negra”, como ele mesmo se define, frequentava na época os sambas voltados para o público heterossexual, mas costumava comemorar seu aniversário organizando um samba junto com seus amigos gays. Logo foi convidado pelo dono do bar a realizar eventos deste tipo semanalmente.

*Foi totalmente despretensioso, uma brincadeira. Era o lugar pra eu me divertir. Eu gostava de samba e ao mesmo tempo eu juntar essa galera toda era muito gostoso. Então eu fiz despretensioso de tudo e acabou dando super certo. Acabou virando o point. Até o pessoal brincava que era a missa de domingo.*

Atualmente, este local em que se realiza o evento chama-se *Espaço Muss* e Caê trabalha como *promoter* do espaço localizado na região do Largo do Arouche. Durante este período de funcionamento, ele cita que muita coisa mudou. A princípio, as pessoas iam até o local para ouvir e dançar samba, deixando a paquera em “segundo plano”. Hoje, ele diz que as pessoas vão mais para paquerar, independente do grupo de samba que está tocando e que também a faixa etária dos frequentadores diminuiu e a presença de brancos aumentou.

Segundo Caê, a melhora na divulgação do local, e um interesse crescente no samba, fez aumentar a presença de mais jovens e de brancos. Esta interação aconteceu de forma gradual mesmo havendo até hoje uma certa resistência por parte dos negros.

*Eu vejo que hoje está muito mais tranquilo a relação entre negros e brancos, apesar de existir algum tipo de preconceito. As vezes o negro diz assim: ‘Ah, eu não vou ficar com branco porque ele é branco’. O branco nem tanto, o branco gosta, ele vai justamente procurando isso. Ele quer ficar com negro. Mas os negros ainda ficam um pouco receosos e falam assim “Ah, eu não vou ficar com branco.*

Isadora (2006) também realizou pesquisa de campo neste espaço. Em uma entrevista que fez, ela menciona um rapaz frequentador do samba com aparência de “mano” que relata que teve três “choques” ao começar frequentar ambientes voltados para o público homossexual em geral. O primeiro por se sentir masculino, fora do estereótipo “gay”; um segundo “choque” social porque “teve contato com pessoas de maior poder aquisitivo, que muitas vezes falavam mal da periferia e se

referiam a empregadas domésticas de forma pejorativa, sem saber que ele era filho de empregada” (e da periferia). E um último “choque”, de caráter racial, “*já que as pessoas se aproximavam dele falando que gostavam de negro e ele se sentia um cara que o cara viu lá no catálogo: ‘catálogo de negros’*”. (LINS, 2006, p. 12)

A experiência acima reflete as percepções deste jovem ao se deparar com ambientes de frequência homossexual, mas caracterizados por diferenciações definidas por marcadores sociais e como este aspecto também se apresenta hoje entre os brancos que frequentam o samba justamente para poderem se relacionar com negros. De acordo com Caê, a mesma diferenciação pode ser notada quando é levando em conta a localização do *Espaço Muss* e outros ambientes de grande circulação gay da região como a Praça Roosevelt e a Rua Frei Caneca.

*O Largo do Arouche existe um preconceito muito grande. Sempre! A Praça Roosevelt fica do lado e o pessoal da Roosevelt não frequenta o Largo do Arouche, e o Largo do Arouche não vai pra Roosevelt, porque “Não, lá tá os burguesinhos, na Frei Caneca tá os burguesinhos”. Aí fica essa briguinha que eu acho desnecessária, nós temos que estar indo em todos os cantos.*

De acordo com Isadora (2006), nossa identidade sexual “*não nos constitui inteiramente*”, e as diferenças raciais, de classe e gênero estão sempre em movimento negociando estas diferenciações.

A questão aqui é que os pertencimentos em termos de cor/raça e sexualidade, e as vantagens e desvantagens associadas a eles, são também sempre contingentes e situacionais. Assim, a conjunção entre ser “negro” e “homossexual” muitas vezes se traduzem menores oportunidades no mercado afetivo/sexual se estamos falando de espaços em que as características que tornam um rapaz desejável no samba não fariam qualquer efeito<sup>2</sup>.

Podemos notar a partir daí, que estas diferenciações são fundamentais no processo de construção da identidade, que se traduz na formação destes espaços de convivência específicos e na experimentação fetichizada descrita pelo entrevistado de Isadora em relação ao “choque” de caráter racial enquanto negro perante homossexuais brancos.

---

<sup>2</sup> Fazer a linha” e “dar pinta”: quando o black, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. 2006, p. 6

Hoje, além do *Espaço Muss*, existe o projeto *Cantho do Samba*, realizado também aos domingos, a poucos metros do *Muss*, na boate *Cantho Club*, voltada à música eletrônica que disponibiliza o espaço para este evento. Com frequência de público praticamente igual, ela apresenta show de transformista no intervalo da apresentação dos grupos de samba, fazendo brincadeiras com os frequentadores e convidando alguns para dançar no palco, estilo de atração que nunca houve nos sambas promovidos pelo *Caê*, mas que avalia de forma positiva, constatando o aumento deste mercado.

*Acho ótimo, acho excelente. Até acho que deveria existir muito mais isso. Apesar que com o estudo de mercado que eu fiz, eu vi que não tem público pra muitas casas nesse segmento para o samba. [...] eu percebi assim, a fatia de mercado é pequena, pra conseguir ter duas, três casas. Duas ainda vai, agora três acho que já não daria. Até porque existe um pouco de preconceito até do próprio negro que é gay de frequentar um samba gay. Porque fala assim 'a não, vou ser rotulado', ou 'eu vou encontrar alguém da minha escola de samba' ou 'vou encontrar alguém ali e queimar meu filme'. Existe bastante isso. E principalmente com o negro que tem aquele negócio "poxa, já sou negro e ainda vou ser gay", aí já tem um monte de outros preconceitos em relação a isto.*

De certa forma, estes espaços de convivência se caracterizam por romper os paradigmas relacionados as questões de raça/cor e homossexualidade. Segundo *Caê*, pelo samba ser um lugar de maioria negra, a afetividade homossexual pode se manifestar através da dança a dois, paquera e afeto de forma natural, num ambiente em que é comum verem dois negros se beijando, sem ter a preocupação de serem vistos como algo anormal com comentários do tipo "Nossa! olha isso! que coisa feia, que baixaria..."

Pablo Nascimento organiza desde maio de 2016 o projeto *Cantho do Samba*, que costuma receber aproximadamente 300 pessoas a cada domingo. Segundo ele, a ideia para a realização deste evento surgiu da própria boate gay *Cantho Club* para incluir o samba em sua programação, que até então era somente voltada à música eletrônica, e trazer outro público para a casa.

*São segmentos totalmente diferentes, porque o samba já traz mesmo o negro, e na música eletrônica não. Não que não tenha, mas é pequena a*



*quantidade (de negros) [...] Acho que muda tudo, a questão racial, o estilo de vida, os propósitos, mudou tudo na casa.*

De acordo com Pablo, o público é bastante fiel por não existir tantas casas no seguimento do samba voltado para homossexuais e define os frequentadores como “90% composto por negros gays”. Ele descreve as diferenças em frequentar um samba gay de um samba de frequência heterossexual.

*A liberdade de sermos gays e paquerar na balada, e conhecer alguém... E num lugar 'hetero' não. Você gosta de samba, vai, se diverte com seus amigos, mas você não vai beijar o seu namorado dentro de um samba 'hetero'.*

Sobre a frequência fiel do público, pude notar isso em minhas idas ao espaço desde a inauguração do projeto. A grande maioria das pessoas se conhecem, formando grupos de amigos que interagem durante a permanência no local. A faixa etária dos frequentadores parece ser pouco mais velha da que frequenta o *Espaço Muss*, aparentando ser na faixa de 25 a 35 anos. O visual é semelhante, a maioria se veste com roupas da moda, usam cabelos raspados ou cortados bem curtos e muitas vezes estão de boné.

A presença feminina é minoria. As mulheres presentes estão junto de amigos gays, não sendo comum encontrar no local grupos formados somente por mulheres. A presença de casais lésbicos também é escassa e está atrelada às companhias masculinas.

A casa é bem diferente do Espaço Muss. A estrutura de boate com iluminação, bar, mezanino se difere do ambiente mais informal do samba promovido pelo Caê. O que as tornam semelhantes é a música e a dança. É comum ver homens dançando samba ou samba-rock<sup>3</sup> juntos, mediando as situações de paquera.

---

<sup>3</sup> Samba-rock é um tipo de dança que surgiu da criatividade dos frequentadores dos bailes da periferia de São Paulo, no final da década de 1950 e começo da década de 1960, mesclando os movimentos do rock and roll com os passos do samba de gafieira. Fonte: Wikipedia

Isadora (2006) também descreveu esta forma de flerte em seu trabalho **“Fazer a linha” e “dar pinta”: quando o *black*, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo**<sup>4</sup>.

A dança também media situações de flerte, sendo comum que se convide um possível parceiro para dançar junto como forma de aproximação e os que dançam com mais habilidade costumam chamar mais atenção de possíveis parceiros, sendo que “dançar gostoso” é um aspecto que torna alguém muito mais desejável no samba. (2006, p. 5)

No intervalo entre as apresentações dos grupos de samba, existe um DJ tocando sucessos atuais da black music norte-americana, funk nacional e clássicos da axé music, até o momento em que a transformista Silvetty Montilla faz a sua apresentação já com o grupo de samba de volta ao palco. Ela canta de forma escrachada clássicos do samba de cantoras como Alcione e Dona Ivone Lara, brinca com os frequentadores chamando para dançar sensualmente no palco junto à ela e canta um *“parabéns pra você”*, caso haja algum aniversariante no local.

Como espaço de convivência, os sambas voltados para o público gay apresentados neste trabalho, representam formas de socialização “negra” e “homossexual” que busca nestes ambientes fortalecer sua identidade e sexualidade que dificilmente podem ser expressas em espaços voltados para o público sambista heterossexual, seja na forma do afeto homoafetivo ou da dança.

Outra iniciativa que vem crescendo é a festa *Batekoo*, projeto itinerante criado em Salvador/BA e com edições na capital fluminense e paulista. Voltada para a *black music*, têm forte apelo nas questões de gênero e estética negra e em seu público é grande a presença de homossexuais negros mais jovens, na faixa etária de 18 a 25 anos. A iniciativa ganhou muitos adeptos pelas redes sociais e hoje sua página no Facebook destinada aos eventos que ocorrem em São Paulo já conta com mais de 12 mil seguidores.

Como pesquisador do assunto e frequentador durante muitos anos de festas voltadas para a black music, fui até o local iniciar o trabalho de campo neste espaço que se difere do *Espaço Muss* e *Cantho do Samba*. Como o evento é itinerante, naquela ocasião o local escolhido para a realização da festa foi uma boate chamada

---

<sup>4</sup> Fazer a linha” e “dar pinta”: quando o black, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. 2006, p. 5

*Morfeus Club*, que costuma realizar diferentes festas para vários tipos de público, não voltada exclusivamente ao negro e homossexual, localizada no bairro de Santa Cecília, também no centro da capital paulista e coincidentemente a poucos metros dos sambas gays e no mesmo dia e horário que se realizam estas outras festas. As noites de domingo parecem atrair mais o público afrodescendente/gay, já que temos três eventos voltados para esta população no mesmo horário e na mesma região da cidade, mesmo o *Batekoo* não sendo uma festa exclusivamente voltada ao público homossexual.

A noite estava bastante fria na cidade, por volta de 13 graus, mas o figurino dos frequentadores e a temperatura interna do local contrastavam com o ambiente externo. A quantidade de homens e mulheres parecia ser equivalente entre as aproximadamente 300 pessoas que estavam no local, conforme me informou a dona do estabelecimento, o que difere de outra casa voltada exclusivamente para o público gay que possui uma presença mais masculina. Pude observar que existem também, em menor número, casais heterossexuais, mas como é uma festa que procura abolir as definições de gênero, a presença de mulheres e homens gays compõe a maioria de seus frequentadores. Era comum ver homens e mulheres vestindo shorts bem curtos e grandes decotes nas camisetas customizadas de marcas esportivas como Adidas e Nike. O visual das pessoas muitas vezes é fora do conceito de gênero masculino/feminino, aparentemente influenciado pela teoria *queer*, bem diferente dos sambas que acontecem no *Espaço Muss* e na *Cantho*, onde o visual segue o padrão heteronormativo. É comum ver homens utilizando roupas “femininas”, inclusive maquiagens como sombra nos olhos, delineadores e batons. Há uma prevalência de pessoas utilizando cabelos no estilo *black power*, pintados em diversas cores e muitas vezes com um pente garfo<sup>5</sup> devidamente ajustados sobre o penteado, visual inexistente nos sambas gays, onde a maioria usa cabelos raspados ou cortados bem curtos. É frequente o uso de acessórios como turbantes, brincos, pulseiras, colares, todos em tamanho grande e feitos em materiais como madeira, plásticos coloridos e miçangas. O visual geral dos frequentadores em muito se assemelha ao figurino utilizado em clipes musicais de cantoras negras norte-americanas do estilo pop como Beyoncé e Rihanna.

---

<sup>5</sup> Estilo de pente surgido no Antigo Egito usado para dar mais volume aos cabelos e que, durante as décadas de 1960 e 1970 tornou-se popular entre os afrodescendentes para simbolizar o conceito “Black is Beautiful” - <https://brazilianbeautysite.wordpress.com/2016/05/23/a-origem-do-pente-garfo/>

Muitas vezes ouvi dos frequentadores a palavra “tombamento”. Este termo é utilizado por esta juventude negra para definir o padrão estético utilizado por eles e de comportamento na construção de padrões e linguagens de resistência no combate ao racismo, ao machismo e à LGBTfobia, não mais doutrinada pelas opressões de classe, raça, sexualidade e gênero. Além da questão visual, nota-se grande engajamento social em seus frequentadores, a festa se apresenta em diversos festivais promovidos por movimentos sociais. Bruna Rocha e Samira Soares do site *Blogueiras Negras*<sup>6</sup> definiram esta nova forma de atuação política:

Esta onda de empoderamento tem impacto na política e na produção cultural, com a criação de movimentos auto-organizados tais como as marchas do empoderamento/orgulho crespo e as festas como a Batekoo, Tombo e Afrobapho, que resgatam e atualizam a concepção de baile negro muito comum no Brasil nos anos 80 e 90.

O local onde se realizou a festa também apresenta características bastante específicas. Logo na entrada, temos um bar e algumas mesas, as paredes são todas decoradas com quadros coloridos que remetem ao grafite e a objetos estilizados e ao fundo um telão exibindo clipes de rap. A pista de dança fica no subsolo, descendo um lance de escadas todo decorado com rabiscos coloridos, semelhantes às pichações em muros dos guetos norte-americanos, dando uma certa aparência *underground* ao local. O banheiro havia uma fila única que as pessoas revezavam para entrar aleatoriamente nas duas cabines disponíveis.

O estilo de música era bem variado dentro da *black music*, mas todos bastante dançantes. Tocou-se desde *dance hall*, estilo de música jamaicana muito popular entre os negros dos anos 1970 e 1990, pop de cantoras negras dos EUA, até rap americano e brasileiro e funk nacional. O estilo de dança é bastante característico onde a sensualidade tem papel fundamental, com muitas pessoas formando fileiras num jogo de quadris que ia até praticamente o chão algo semelhante à dança afro brasileira lundu<sup>7</sup>. Nesse aspecto, pude notar outra gíria deste público relacionada à paquera. Foi muito comum ouvir dos frequentadores o

---

<sup>6</sup> <http://blogueirasnegras.org/2016/07/07/geracao-tombamento-a-juventude-negra-e-suas-novas-formas-de-fazer-politica/>

<sup>7</sup> Dança brasileira de natureza africana e brasileira, criada a partir dos batuques dos escravos bantos trazidos de Angola. Da África, o lundu trouxe a base rítmica, uma certa malemolência e seu aspecto lascivo, evidenciado pela umbigada, pelos rebolados e por outros gestos que imitam o ato sexual. Fonte: Wikipedia

termo “*sarração*”, como eles definem essa forma de aproximação entre as pessoas através da dança. O jeito sensual de dançar, faz com que elas se aproximem e conseqüentemente surja a chance de acontecer alguma manifestação afetiva. Foi muito comum observar pessoas se beijando, em grande maioria casais masculinos após esses momentos de dança. Também é observável que esses casais se desfazem após esse beijo, deixando o parceiro livre se ele quiser conhecer outra pessoa, podendo voltar a se beijarem em outro momento ou não.

Várias pessoas revezavam como DJ da festa, com performances de dança dos frequentadores no palco. Dá pra notar que é um espaço meio livre, se você quiser subir no palco pra dançar, é só ir até lá. Logo na beirada do palco, um cartaz muito colorido me chamou atenção. Dizia-se “Afro-geladinho”. É o que chamamos de *sacolé*, *chup chup*, dependendo da região do país. Duas caixas de isopor contendo o produto em diversos sabores alcoólicos, como caipirinha de frutas nos sabores de morango, limão, maracujá, manga, etc. O valor era de 2 reais e, durante a festa, os isopores precisaram ser reabastecidos três vezes.

Como início de trabalho de campo, achei bastante satisfatória esta primeira ida como observador ao *Batekoo*. A ideia é continuar frequentando o evento e descobrir personagens interessantes que possam contribuir com o objeto de estudo desta produção.

Outros ambientes que estão em destaque nesta cena são os digitais, como as páginas da internet *Bicha Nagô* e *Rede Afro LGBT*. Criada há cerca de dois anos, pelo paulistano Ezio Rosa, o *Bicha Nagô*<sup>8</sup> conta hoje com mais de 25 mil seguidores em sua página no Facebook, possuindo também sua versão no Tumblr<sup>9</sup>. Voltada principalmente para o público gay não lésbico, tem a descrição “Pelo fim da LGBTfobia e racismo”, a página conta com textos autorais e compilados referentes a homossexualidade negra, a estética do “tombamento” e notícias, tendo participação interativa entre os frequentadores da página.

Já a *Rede Afro LGBT*<sup>10</sup> possui um caráter mais informativo, reunindo matérias publicadas em diversos meios com esta temática servindo de instrumento de

---

<sup>8</sup> <https://www.facebook.com/bichanago/?fref=ts>

<sup>9</sup> <http://bichanago.tumblr.com/>

<sup>10</sup> <https://www.facebook.com/redeafrolgbt/?fref=ts>

informação de conteúdo a respeito dos temas racismo, lesbofobia, transfobia, homofobia e a bifobia, e todas as espécies de discriminação.

No meio teatral, é importante citar a Cia. de teatro Os Crespos. Formada somente por atores negros da Escola de Arte Dramática da Universidade de São Paulo, o grupo realiza o projeto "Dos Desmanches aos Sonhos - Poética em Legítima Defesa". Trata-se de uma investigação cênica-áudio-visual sobre o impacto da escravidão e as esferas das relações entre afetividade, negritude e gênero no Brasil. Em seu espetáculo "*Cartas a Madame Satã ou Me Desespero sem Notícias Suas*", que ficou em cartaz durante mais de um ano, mostra em forma de monólogo um homem negro se correspondendo com a figura mítica carioca de Madame Satã, com histórias que debatem a homoafetividade e o racismo, tendo como espectadores um público mais teatral e menos ativista na causa negra/homossexual, com algumas exceções. Nas três oportunidades que assisti ao espetáculo, pude perceber a presença de maioria branca, homossexual e de classe média.

Um outro espetáculo deste projeto foi apresentado no Largo do Arouche em forma de intervenções gratuitas em algumas noites de domingo dos anos de 2014 e 2015. O local é conhecido ponto de encontro da juventude gay periférica, com bastante presença negra, na faixa de 18 aos 25 anos que permanecem principalmente durante as noites de domingo no local conversando em grupos, bebendo e paquerando. O espetáculo faz referência ao escritor norte-americano James Baldwin (1924-1987), que em seus romances trata da sexualidade/raça nas sociedades ocidentais. Com o nome "*Ainda... Numa Terra Estranha – Fragmentos a James Baldwin*", o espetáculo traz quatro histórias de jovens negros e gays, contando suas histórias de amor e luta. Ao final de cada apresentação, o grupo convidava algum casal que presente na plateia e simulava um casamento homossexual. Como eram gratuitas, a maioria das pessoas presentes na praça paravam para assistir, além do público que sabia do projeto através das redes sociais, formando uma plateia mais diversificada daquela que encontrada no teatro.

É importante perceber que, de modo geral, conforme analisado por Isadora (2006), a noção de espaço se constitui pela forma com que as pessoas se relacionam com ele e qual o significado no uso de tais ambientes, e que as diferenças etárias também diferenciam os frequentadores destes espaços e influem

a forma com que neles se constroem padrões de comportamento, interações e relações sociais. Tratando-se de um público que carrega os estigmas relacionados as questões da homossexualidade e cor/raça, estes ambientes tornam-se importantes na valorização da identidade através da chance de convívio gay afrocentrado que estes lugares proporcionam aos seus frequentadores. As experimentações no caso dos sambas, consiste na demonstração da homoafetividade nestes locais e na impossibilidade de exercê-la de forma integral num ambiente heterossexual com mesmo gênero musical. A *Batekoo* e seu frequentadores da “geração tombamento”, aparentemente mais engajados em questões políticas relacionadas à cor/raça e sexualidade do que o público dos sambas, rompem através do visual e da dança sensual as barreiras de gênero e comportamento impostas pela sociedade, valorizando aspectos da cultura negra vivenciada junto com a (homo) sexualidade. Dentro dos ambientes virtuais, as experimentações são feitas através de relatos, compartilhamento de textos e troca de experiências entre seus frequentadores que vivem os mesmos dilemas relacionados às questões raciais e sexuais, o mesmo acontece com a *Cia. Os Crespos*, que utiliza da linguagem teatral para tratar a problemática que envolve a intersecção cor/raça e homossexualidade. Após mapeamento inicial apresentado neste trabalho, serão feitas pesquisas com seus frequentadores a fim de explorar de forma mais específica os sentidos que estes espaços representam para eles.

### **Referências Bibliográficas**

BLACKWELL, M.; NABER, N. Interseccionalidade em uma era de globalização: as implicações da Conferência Mundial contra o Racismo para práticas feministas transnacionais. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: UFSC, v10, n.1, jan. 2002

DYNES, W.R. (1990) *Encyclopedia of Homosexuality*. Garland

FRANÇA, Isadora Lins. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2012.

\_\_\_\_\_ "Fazer a linha" e "dar pinta"; quando o *black*, o *samba* e o *GLS* se cruzam em São Paulo. Trabalho apresentado na 26° Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro/ BA, 01 e 04 junho de 2006.

GOSINE, A. “Raça”, cultura, poder, sexo, desejo e amor: inscrevendo os “homens que fazem sexo com homens”. IN: CORNWALL, A.; JOLLY,S (orgs.). Questões de sexualidade: ensaios transculturais. ABIA; 2008, p.167-174

JUNIOR, Joilson Santana Marques. Nota sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros? Rio de Janeiro, revista Em Pauta, v.9, nº 28, p. 183-194, dez. 2011

MOURA, Clovis: Sociologia do negro brasileiro. São Paulo, Ática, 1988 (p. 117 e 120)

NEIL, J. (2009). The Origins and Role of Same-Sex Relations in Human Societies. Jefferson: McFarland & Company.

PALOMINO, Erika. Babado forte: moda, música, noite. São Paulo, Mandarim 1999

ROSA, W. observando uma masculinidade subalterna: homens negros em uma “democracia racial”. Trabalho apresentado no ST 18 A questão racial no Brasil e as relações de gênero. O Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Gênero e Preconceitos, UFSC, 28, 29 e 30 de agosto de 2006.

SOUZA, R. R. As representações do homem negro e suas consequências. Revista Fórum Identidades. Sergipe, ano 3, v.6, p.98-115, jul-dez. 2009.

## **Anexos**





Localização dos espaços físicos mencionados no trabalho



Espaço Muss – foto Caê Bianchin



Cantho do Samba – Foto Cantho Club





Silvety Montilla durante sua apresentação no Cantho do Samba – Foto: Cantho Club



Festa Batekko – foto Anne Karr/ deu Zebraa



Festa Batekko – foto Anne Karr/ deu Zebraa





Festa Batekko – foto Anne Karr/ deu Zebraa



Espetáculo “Cartas a Madame Satã ou Me Desespero sem Notícias Suas” da Cia. Os Crespos. Foto: Divulgação



Espetáculo “Ainda... Numa Terra Estranha – Fragmentos a James Baldwin”, da Cia Os Crespos – Foto: Ana Paula Leonc/Divulgação